

## Varanda para a vida

### Aventar palavras

Quem se senta numa varanda destas a aventar palavras, corre sempre o risco de não lhes ouvir o eco. As palavras, atiradas ao vento, vão de canto em esquina e, por vezes, encontram ouvidos que as captam e conduzem a cérebros que as descodificam. Depois, é dar-lhes tempo de maturação em algum canto cerebral e esperar pela resposta. Uma das respostas às palavras aqui aventadas, veio, de forma inesperada, de alguém que se não quis sentar na varanda. Passou lá fora, virou-se para nós e atirou a pergunta como se fosse uma pedra: - « E vocês? Como resolviam o problema da pobreza? Falar é bonito, mas obras fazem-se com actos e não com palavras! ». O ti'Policarpo, que não tem coração de pendurar uvas, como ele diz, levantou-se de supetão, debruçou-se em direcção ao interlocutor e, tão inesperadamente como a pergunta foi feita, respondeu: - «Eu distribuia melhor a riqueza!!».

Porém, hoje, o que aqui nos traz à conversa, é uma palavra trazida pelo vento até à varanda. Sentados como é hábito, conversávamos sem grande animação até uma frase debitada por uma qualquer televisão, aventadora por excelência de palavras, nos ter atingido os ouvidos. Incrivelmente, o primeiro a despertar a atenção, para a frase, foi o ti'Policarpo. Tão duro de orelhas e agora ouviu. A tal frase teve origem num anúncio publicitário. Não se percebeu o resto, mas ouviu-se claramente o seguinte: - " ... obter um emprego convencional,..." . Foi rápida a maturação na cabeça dele e perguntou: "Mas o que é isto do emprego convencional?" - ninguém respondeu. Ficámos a levar o facto.

Hoje o emprego divide-se em dois grandes grupos: os convencionais e os normais. Os convencionais eram, à uma década e meia, os normais e estes não existiam, por serem anormais. Esclareça-se melhor. Aquilo que hoje se tem por emprego normal, é, segundo a própria lei que o criou, um emprego criado para suprir uma necessidade extraordinária de produção, como é o caso do trabalho sazonal, portanto, anormal; por definição um trabalho eventual. Este tipo de trabalho multiplicou-se em variantes: com contratos a prazo, cada vez menos, porque a lei impõe um número máximo destes contratos, findo o qual, o trabalhador passaria a efectivo e, para tal não acontecer, são despedidos, não obstante os postos de trabalho não terem natureza sazonal e serem, a seguir, preenchidos por outro trabalhador a prazo; o trabalhador com recibo verde ou trabalhador independente, que não tem vínculo contratual com a empresa e, por isso, pode trabalhar nesta situação indefinidamente, o tipo de emprego "normal" a que os patrões - empregadores como agora se diz - mais estão a recorrer; o emprego ilegal, sem qualquer acordo escrito, inicialmente utilizado com os imigrantes ilegais e, agora, extensível a todo aquele que esteja com a corda na garganta, sem possibilidades nem capacidade de defesa. Há muito que a flexibilidade contratual aqui chegou e com nefastas consequências.

O dito emprego convencional é, afinal, aquele que era, e devia continuar a ser, o emprego normal. Em que as duas partes assinam um contrato, para trabalhos duradouros, e onde ambos se obrigam ao cumprimento das respectivas cláusulas.

E assim, aventando palavras, às quais se juntam ideias e questões, nos vamos, ficando na varanda - normalmente não convencionalmente -, aguardando ecos das palavras aventadas.

david' pereira

17NOV2001